

“Magnífico e ambicioso.” – *The New York Times*

**ROBERT GREENE**

Autor de **AS 48 LEIS DO PODER**

M  
A  
E  
S  
T  
R  
I  
A

EDIÇÃO  
CONCISA

# I

## Descubra sua vocação: Sua Missão de Vida

Você possui uma espécie de força interior que procura orientá-lo para a sua Missão de Vida – aquilo que deve realizar durante sua existência. Na infância, essa força é clara. Ela o orienta para as atividades e os temas mais compatíveis com suas inclinações naturais. Nos anos subsequentes, essa força tende a oscilar, à medida que você ouve mais os pais e os amigos. O primeiro passo para a maestria é sempre introspectivo – aprender quem você realmente é e se reconectar a essa força inata. O autoconhecimento o levará a descobrir seu caminho para a carreira mais adequada a você e permitirá que tudo o mais se encaixe.

## A FORÇA OCULTA

No final de abril de 1519, depois de meses doente, o artista Leonardo da Vinci teve a certeza de que a morte o visitaria em poucos dias. Havia dois anos que Leonardo vivia no castelo de Cloux, na França, como hóspede pessoal do rei francês Francisco I. O rei lhe proporcionara dinheiro e honrarias, considerando-o a personificação do Renascimento italiano, que ele queria importar para a França. Leonardo fora muito útil para o monarca, aconselhando-o sobre todos os tipos de assunto importante. Mas agora, aos 67 anos, sua vida estava prestes a terminar e seus pensamentos se voltavam para outras coisas. Ele preparou seu testamento, comungou na igreja e retornou ao leito, à espera do fim iminente.

Enquanto aguardava o próprio fim, vários de seus amigos – inclusive o rei – o visitaram. Eles perceberam que Leonardo se mostrava reflexivo. Em geral ele não gostava de falar de si mesmo, mas, naquele momento, narrava as recordações de sua infância e juventude, insistindo no curso estranho e improvável de sua vida.

Leonardo sempre demonstrara forte sentimento de fatalismo e, durante anos, fora tomado de assalto pela seguinte questão: existe algum tipo de força interior que faz com que todos os seres vivos cresçam e se transformem? Se essa força existisse, ele queria descobri-la, e buscou indícios de suas manifestações em tudo que examinava. Era uma obsessão. Agora, em suas horas derradeiras, depois que os amigos o deixavam sozinho, certamente a mesma dúvida retornava, de uma forma ou de outra, em relação ao enigma de sua própria vida, levando-o a procurar sinais de uma

força ou sorte que determinara o desenrolar de sua existência e o orientara até o presente.

Leonardo teria começado essa busca primeiro refletindo sobre sua infância na comuna de Vinci, a uns 30 e poucos quilômetros de Florença. O pai dele, Piero da Vinci, era tabelião, um baluarte da poderosa burguesia. No entanto, como era filho ilegítimo, Leonardo não podia estudar na universidade nem exercer nenhuma profissão nobre. Sua escolaridade foi mínima, e, quando criança, ficava quase sempre sozinho. Gostava, acima de tudo, de caminhar pelos bosques de oliveiras, nos arredores de Vinci, ou de seguir trilhas que levavam a um trecho muito diferente da paisagem – uma floresta densa, cheia de javalis, onde cursos de água velozes formavam corredeiras, cisnes deslizavam nos lagos e flores silvestres cresciam nos penhascos, compondo uma biodiversidade tão rica que o encantava.

Um dia, esgueirando-se pelo escritório do pai, Leonardo surrupiou algumas folhas de papel – algo raro naqueles dias, mas, como tabelião, Piero tinha esse privilégio. O jovem levou-as em seu passeio pela floresta e, sentado em uma pedra, começou a esboçar as várias paisagens ao redor. Voltou inúmeras vezes para repetir o exercício; mesmo quando o tempo não estava bom, ele se acomodava em algum tipo de abrigo e desenhava. Não teve professores, nem pinturas a observar; fazia tudo a olho nu, com a natureza como modelo. E constatou que, ao desenhar o que via, tinha que observar os objetos com muito mais atenção e captar os detalhes que lhes davam vida.

Certa vez, desenhou uma íris branca e, ao fitá-la bem de perto, ficou impressionado com sua forma peculiar. A íris começava como semente e então evoluía por vários estágios, cada um dos quais ele retratou ao longo de alguns anos. O que levava aquela planta a se desenvolver em sucessivas fases, que culminavam naquela forma irradiante, tão diferente de qualquer outra? Talvez

ela possuísse alguma força para impulsioná-la por todas essas transformações. Esse questionamento o impeliu a refletir sobre a metamorfose das flores durante anos a fio.

Sozinho em seu leito de morte, Leonardo teria retornado a seus primeiros anos como aprendiz, no estúdio do artista florentino Andrea del Verrocchio, onde fora admitido aos 14 anos por conta da qualidade extraordinária de seus desenhos. Verrocchio instruía seus aprendizes em todas as ciências necessárias à execução dos trabalhos do estúdio – engenharia, mecânica, química e metalurgia. O pupilo demonstrou ânsia por aprender todas essas disciplinas, mas logo descobriu em seu âmago algo diferente: ele não conseguia se limitar a executar uma tarefa; precisava conferir-lhe um atributo pessoal, que a tornasse algo característico dele próprio; tinha que inventar, em vez de apenas imitar o Mestre.

Uma vez, como parte de suas incumbências no estúdio, pediram-lhe que pintasse um anjo em uma cena bíblica ampla, concebida por Verrocchio. Ao realizar a tarefa, decidiu que daria vida ao personagem à sua maneira. No primeiro plano, diante do anjo, pintou um canteiro de flores, mas, em vez de um conjunto de plantas usuais, Leonardo desenhou os espécimes que havia estudado com tanta minúcia quando criança, atribuindo-lhes um rigor científico nunca visto. Para retratar a face do anjo, ele experimentou e combinou as tintas numa mistura que lhe conferiu uma radiância suave, transmitindo um ar sublime. No intuito de captar esse sentimento, Leonardo passara horas numa igreja local, observando o semblante de pessoas comuns, imersas em preces fervorosas, até deparar com um jovem cuja expressão inspirou a do seu personagem pictórico. Por fim, ele resolveu que seria o primeiro artista a criar asas angelicais realistas.

Para realizar esse propósito, ele foi ao mercado e comprou várias aves. Passou horas desenhando suas asas, reproduzindo com exatidão a maneira como se ligavam ao corpo. Seu intuito era

criar a sensação de que as asas haviam crescido organicamente dos ombros dos anjos e que os levaria a alçar voo a qualquer momento. Como sempre, Leonardo foi além. Depois desse trabalho, ficou obcecado por aves, e surgiu em sua mente a ideia de que talvez os seres humanos pudessem mesmo voar, caso conseguisse desvendar a ciência do voo das aves. Dedicou-se horas a fio à leitura e ao estudo de tudo a que tivesse acesso sobre aves. Era assim que sua cabeça funcionava – uma ideia desembocava em outra.

Leonardo decerto se lembrava do pior momento de rejeição de sua vida: o ano de 1481. O papa pediu a Lorenzo de Medici que reunisse os melhores artistas de Florença para decorar sua mais recente obra no Vaticano – a Capela Sistina. Lorenzo enviou a Roma os melhores artistas florentinos, sem incluir Leonardo. Na realidade, eles nunca se relacionaram. Lorenzo era um tipo literário, imerso nos clássicos. Leonardo não lia latim e tinha pouco conhecimento dos autores da Antiguidade. Por natureza, suas inclinações eram mais científicas. No entanto, a causa básica da rejeição de Leonardo foi outra – ele detestava a dependência imposta aos artistas, que tinham que conquistar favores dos poderosos e viver de sucessivas encomendas. Ele se cansara de Florença e da política da corte que por lá reinava.

Assim, decidiu que mudaria tudo em sua vida: procuraria se estabelecer em Milão e adotaria uma nova estratégia para prover o seu sustento. Seria mais que um artista. Iria se dedicar a todos os ofícios e ciências que lhe interessassem – arquitetura, engenharia militar, hidráulica, anatomia, escultura. A qualquer príncipe ou patrão que quisesse seus serviços, ele poderia atender como orientador geral e artista, por um bom ordenado. Sua mente, concluíra, trabalhava melhor com vários projetos diferentes, permitindo-lhe elaborar todos os tipos de conexão entre eles.

Assim, imerso em reflexões sobre a vida, Leonardo teria detectado com clareza a atuação de alguma espécie de força oculta

dentro de si. Quando criança, essa força o atraía para a área mais agreste da região, onde pôde observar a biodiversidade em toda a sua plenitude. A mesma força o compelira a roubar papel do pai e a se dedicar a desenhos da natureza. Também o empurrara para novos experimentos, ao trabalhar para Verrocchio. E ainda o afastara da corte de Florença e dos egos inflados que floresciam entre os artistas. Assim como o impulsionara para extremos de ousadia – esculturas gigantescas, tentativas de voar, dissecação de centenas de corpos em seus estudos de anatomia –, tudo para descobrir a essência da vida.

Desse ponto de vista privilegiado, tudo fazia sentido. Fora uma bênção nascer filho ilegítimo, pois lhe permitira desenvolver o próprio estilo. Mesmo as folhas de papel em sua casa pareciam levá-lo a seu destino. E se ele tivesse se insurgido contra essa força? E se, após ter sido rejeitado no projeto da Capela Sistina, houvesse insistido em ir para Roma com os outros artistas e se empenhado em cair nas boas graças do papa, em vez de buscar o próprio caminho? E se tivesse optado por se dedicar exclusivamente à pintura, para ganhar mais dinheiro? E se houvesse agido como os outros, entregando seus trabalhos no menor prazo possível? Talvez tivesse saído bem; mas não teria sido Leonardo da Vinci. Sua vida teria carecido do propósito que a impregnou, e, inevitavelmente, no fim das contas, as coisas não teriam dado tão certo.

Essa força oculta dentro dele, assim como a das íris que ele havia desenhado tantos anos antes, o levava ao pleno desabrochar de suas capacidades. Ele tinha seguido com perseverança a orientação dessa força até o fim, completando o percurso. Agora, só restava morrer. Talvez suas próprias palavras, escritas anos antes em sua caderneta, tenham lhe retornado naquele momento: “Da mesma maneira que um dia pleno de realizações traz consigo o sono abençoado, também uma vida bem vivida culmina com a morte bem-aventurada.”

## CAMINHOS PARA A MAESTRIA

Muitos dos grandes Mestres da história confessaram ter experimentado alguma espécie de força oculta, de voz interior ou de senso de destino que os impulsionava na direção certa. Esses sentimentos podem ser vistos como puramente místicos, além de qualquer explicação, ou como alucinações ou delírios. Mas há outra forma de encará-los – como algo real, prático e explicável. É possível compreendê-los da seguinte maneira:

Todos nascemos como seres únicos. Essa singularidade é determinada geneticamente pelo nosso DNA. Somos fenômenos sem igual no Universo – nossa composição genética exata nunca ocorreu antes nem se repetirá. Em todos nós, essa singularidade se expressa pela primeira vez na infância, por meio de certas inclinações primordiais. Para Leonardo, foi a exploração do mundo natural em torno de sua comuna, ao qual deu vida no papel, à sua maneira. Para outros, pode ser uma atração precoce por padrões visuais – não raro um indício de interesse futuro por matemática. Ou quem sabe um fascínio por movimentos físicos ou arranjos espaciais. Como explicar essas inclinações? São *forças* dentro de nós que vêm de um lugar profundo incapaz de ser descrito por palavras conscientes.

Essa singularidade profunda naturalmente quer se afirmar e se expressar, mas algumas pessoas a experimentam de modo mais forte que outras. No caso dos Mestres, sua intensidade é tanta que ela é percebida como uma realidade externa – uma força, uma voz, um destino. Nos momentos em que nos dedicamos a atividades que correspondem às nossas inclinações mais arraigadas, até sentimos um toque dessa realidade: as palavras que escrevemos ou os movimentos que executamos ocorrem com tanta rapidez e tanta facilidade que até parecem se originar fora de nós. Estamos literalmente “inspirados”, palavra de origem latina que significa “soprar dentro”.

Podemos descrevê-la nos seguintes termos: ao nascermos, planta-se uma semente em nosso interior. Essa semente é a nossa singularidade. Ela quer crescer, transformar-se, florescer em todo o seu potencial, movida por uma energia assertiva natural. A sua Missão de Vida é cultivar essa semente até o pleno florescimento, é expressar sua singularidade por meio do trabalho. Você tem um destino a cumprir. Quanto maior for a intensidade com que o sentir e o cultivar – como uma força, uma voz ou o que quer que seja –, maior será sua chance de realizar a sua Missão de Vida e alcançar a maestria.

O que atenua essa força, o que faz com que você não a sinta ou mesmo duvide de sua existência, é a extensão em que sucumbe a outra força da vida – as pressões sociais para o conformismo. Essa *contraforça* pode ser muito poderosa. Você quer se encaixar em um grupo. Inconscientemente, talvez sinta que o que o distingue dos demais é algo constrangedor ou doloroso. Seus pais muitas vezes também atuam como *contraforça*. Pode ser que tentem direcioná-lo para uma carreira lucrativa e segura. Se essas *contraforças* se tornam poderosas demais, você perde qualquer contato com sua singularidade, com quem você realmente é. Suas inclinações e seus desejos passam a ser moldados por outras pessoas.

Essa situação pode lançá-lo em um terreno muito perigoso. Você acaba escolhendo uma carreira que não é compatível com sua personalidade. Seus desejos e interesses aos poucos se desvanecem e seu trabalho sofre as consequências. Você passa a procurar prazer e realização fora do trabalho. Ao se desengajar cada vez mais da carreira, deixa de prestar atenção nas mudanças dentro de sua área de atuação – fica para trás e paga por isso. No momento de tomar decisões importantes, você se esconde ou segue o exemplo dos outros, pois não tem senso de direção nem uma bússola interior que o oriente. Perdeu o contato consigo mesmo.

Você precisa evitar esse destino a todo custo. O processo de seguir a sua Missão de Vida que o leva à maestria pode ser iniciado a qualquer momento. A força oculta está sempre presente dentro de você, pronta para entrar em ação.

O processo de realizar a sua Missão de Vida se desenvolve em três estágios. Primeiro, você precisa se conectar ou reconectar com suas inclinações, com aquele senso de singularidade. Portanto, o primeiro passo é sempre introspectivo. Você vasculha o passado em busca de indícios daquela voz ou força interior. Silencia as outras vozes que podem confundir-lo – como as de pais e amigos. Procura um padrão subjacente, o âmago de seu caráter, que você deve compreender da forma mais profunda possível.

Segundo, com o restabelecimento da conexão, você deve examinar a carreira em que já está ou que está prestes a iniciar. A escolha desse caminho – ou seu redirecionamento – é fundamental. Nesse estágio, é preciso ampliar seu conceito de trabalho.

É desejável ver o trabalho como algo mais inspirador, como parte de sua *vocação*. A palavra “vocação” vem do latim e significa chamado ou convocação. Seu uso em relação ao trabalho coincidiu com o início do Cristianismo – certas pessoas eram “convocadas” por Deus a abraçar a vida religiosa; essa era sua vocação. Os primeiros cristãos seriam capazes de “ouvir” literalmente sua vocação, ao escutarem o chamado de Deus, que os teria escolhido para esse trabalho de salvação.

Nesse caso, a voz que o convoca não é necessariamente a de Deus, mas vem de um lugar profundo. Ela emana de sua individualidade. Indica quais atividades são mais compatíveis com seus interesses. E, a certa altura, ela o chama para um tipo especial de trabalho ou carreira. Nesse caso, o trabalho passa a ser algo profundamente conectado com o seu ser.

Por fim, você deve encarar sua carreira ou seu caminho vocacional mais como uma jornada, com seus desvios e curvas, do

que como uma linha reta. Você começa escolhendo uma área ou posição que corresponda mais ou menos às suas inclinações. Esse ponto de partida lhe oferece espaço para manobra e indica importantes habilidades a serem aprendidas. Não se pode começar com algo muito grandioso e ambicioso – você precisa ganhar a vida e conquistar confiança. Uma vez nesse caminho, você encontra certas trilhas internas que o atraem, enquanto outras o desagradam. Ajusta o curso e talvez se movimente para outra área afim, mas sempre expandindo sua base de qualificações. Como Leonardo, você parte do que faz para os outros e o converte em algo para si mesmo.

No final, descobre determinado nicho, área ou oportunidade que se encaixa perfeitamente com suas inclinações. Você o reconhecerá tão logo o encontre, pois ele vai disparar aquele senso infantil de deslumbramento e empolgação. Depois disso, tudo se encaixará. Você aprenderá com mais rapidez e mais profundidade. Seu nível de habilidade chegará a um ponto em que você será capaz de reivindicar sua independência no ambiente de trabalho e tomar seu próprio rumo. Você determinará suas circunstâncias. Como seu próprio Mestre, não estará mais sujeito aos caprichos de chefes tirânicos ou de colegas manipuladores.

Essa ênfase em sua singularidade e em sua Missão de Vida talvez pareça um conceito poético, sem qualquer relação com a realidade prática, mas, na verdade, ela é bastante relevante para os tempos em que vivemos. Estamos numa era em que podemos confiar cada vez menos no Estado, nas empresas, na família ou nos amigos como fontes de ajuda e de proteção. É um ambiente globalizado, altamente competitivo. Precisamos aprender a nos desenvolver. Ao mesmo tempo, é um mundo apinhado de problemas graves e de oportunidades promissoras, que serão mais bem resolvidos e aproveitados pelos empreendedores – indivíduos ou pequenos grupos que pensam de forma independente,

se adaptam com rapidez e possuem pontos de vista únicos. Suas habilidades criativas sem igual serão muito valorizadas.

Você nasceu com determinada compleição e com certas tendências que o caracterizam. Algumas pessoas nunca se tornam quem são em seu âmago; param de confiar em si mesmas, sujeitam-se às preferências alheias e acabam usando uma máscara que oculta sua verdadeira natureza. Se você criar condições para descobrir quem realmente é, prestando atenção na voz e na força em seu interior, poderá realizar o seu destino – tornando-se um indivíduo, um Mestre.

## ESTRATÉGIAS PARA DESCOBRIR SUA MISSÃO DE VIDA

Conectar-se com algo tão pessoal quanto suas inclinações e sua Missão de Vida pode parecer relativamente simples e natural quando você reconhece sua importância. No entanto, a verdade é o oposto. É preciso uma boa dose de planejamento e estratégia para fazê-lo de maneira adequada, uma vez que muitos obstáculos surgirão no percurso. As cinco estratégias a seguir o ajudarão a transpor as principais barreiras que se erguerão em seu caminho com o passar do tempo. Preste atenção em todas elas, porque você terá que enfrentá-las, de uma forma ou de outra.

### **1. Retorno às origens – Estratégia da inclinação primordial**

Para dominar uma área, para ser Mestre nela, é indispensável amá-la e sentir uma profunda conexão com ela. Seu interesse deve transcender a área em si e atingir as raízes da religião. Seu interesse não é só a física – é descobrir algo sobre as forças invisíveis que governam o Universo; sua busca não é só o cinema

ou a música – é a chance de trazer algo poderoso à vida, dar voz às suas mais profundas emoções. Você encontrará sinais de tais interesses imensos e quase religiosos bem cedo na sua infância, na forma de certas inclinações ou atrações que são difíceis de expressar em palavras e que mais parecem sensações – de deslumbramento diante de determinada questão; de prazer dos sentidos; ou poder ao se engajar numa atividade específica. É importante reconhecer essas inclinações pré-verbais porque são indícios claros de uma atração não contaminada pelos desejos de outras pessoas. Não são algo que seus pais o convenceram a fazer, nem que decorre de uma associação mais superficial, alguma coisa mais verbal e consciente. Em vez disso, emergem de um lugar mais fundo, são exclusivamente suas, produtos de sua química sem igual.

À medida que você se torna mais complexo, não raro perde contato com esses sinais de seu núcleo primordial, que podem ser soterrados por todos os seus estudos e leituras subsequentes. Seu poder e seu futuro dependem da reconexão com esse âmago e do consequente retorno às origens. É preciso escavar em busca dessas inclinações dos primeiros anos. Procure seus vestígios nas reações viscerais a algo simples; um desejo de repetir uma atividade de que você nunca se cansava; alguma coisa que lhe suscitou uma curiosidade inusitada; sentimentos de poder associados a determinadas ações. O que quer que seja, já está dentro de você. Não é necessário criar nada; basta escavar e reencontrar o que estava enterrado lá, desde o início. Ao se religar com esse núcleo, em qualquer idade, algum elemento dessa atração primitiva renascerá com todo o viço, indicando um caminho que pode acabar sendo a sua Missão de Vida.

## 2. Ocupe o nicho perfeito – Estratégia darwiniana

O mundo profissional é como um sistema ecológico: as pessoas atuam em determinados campos, nos quais devem competir por recursos e pela sobrevivência. Quanto maior for a quantidade de pessoas que se aglomeram em certo espaço, mais difícil se torna prosperar nele. Trabalhar nessas áreas tende a desgastar os que lutam para receber atenção, para participar dos jogos da política e para conquistar recursos escassos. Perde-se tanto tempo nessas lutas que sobra pouco tempo para alcançar a verdadeira maestria. As pessoas são atraídas para essas áreas por verem outras atuando nelas, ganhando a vida e avançando nos caminhos conhecidos. Mas não se tem consciência de como a vida pode ser difícil.

Para fugir dessa disputa infrutífera, deve-se encontrar um nicho dominável na ecologia mais ampla. Nunca é fácil encontrá-lo. A busca exige muita paciência e estratégia específica. No começo, escolhe-se uma área que corresponde mais ou menos aos próprios interesses (medicina, engenharia elétrica, escrita). A partir daí, há duas direções a seguir: a primeira é o caminho de estreitamento. Na área escolhida, procuram-se trilhas secundárias particularmente atrativas (neurociência, robótica, roteirização de filmes). Quando é possível, muda-se para esse campo mais estreito. Prossegue-se no processo até que, enfim, um nicho totalmente desocupado seja encontrado, e quanto mais estreito melhor. De alguma forma, ele corresponde à própria singularidade, àquilo que o destaca dos demais.

A segunda é o caminho de associação e expansão. Depois de dominar o primeiro campo, procuram-se outras disciplinas ou qualificações a serem conquistadas, conforme a própria disponibilidade de tempo, se necessário. Agora, é possível combinar esse novo campo de conhecimento com o original, talvez criando uma nova área ou, quem sabe, estabelecendo conexões inéditas entre

eles. Continua-se no processo pelo tempo que quiser. Por fim, cria-se um campo próprio, exclusivo. Essa segunda versão é bastante compatível com uma cultura em que dispomos de tantas informações e na qual a associação de ideias é uma forma de poder.

Em ambas as direções, é preciso encontrar um nicho em que não haja uma multidão de concorrentes. Há liberdade para divagar, andar sem rumo e perseguir certas questões de seu interesse. Desonerado da competição e da politicagem sufocantes, você terá tempo e espaço para cultivar a sua Missão de Vida.

### **3. Evite o caminho falso – Estratégia da rebelião**

O caminho falso na vida é, em geral, uma carreira a que somos atraídos por motivos equivocados – dinheiro, fama, atenção, e assim por diante. Se é de atenção que precisamos, em geral experimentamos uma espécie de vazio interior, que esperamos preencher com o falso amor da aprovação pública. Quando a área que escolhemos não corresponde às nossas inclinações mais profundas, raramente realizamos nossos anseios. A qualidade do trabalho sofre as consequências e a atenção que talvez tenhamos recebido no começo começa a diminuir – é um processo doloroso. Se é dinheiro e conforto que norteiam nossa decisão, na maioria das vezes estamos agindo por ansiedade, movidos pela necessidade de agradar aos nossos pais. É até possível que estejam nos induzindo para algo lucrativo por zelo e preocupação, mas, no fundo, talvez se encontre algo mais – quem sabe um pouco de inveja por desfrutarmos de mais liberdade do que eles quando eram jovens.

Se isso acontecer com você, sua estratégia precisa ser dupla: primeiro, concluir tão cedo quanto possível que você escolheu a carreira pelas razões erradas, antes de sua confiança sofrer o golpe fatal. E, segundo, reagir ativamente contra as forças que o afastaram do melhor caminho. Despreze a necessidade de aten-

ção e de aprovação – elas o desencaminharão. Libere um pouco de raiva e ressentimento pelas forças paternas que pretenderam lhe impor uma vocação dissonante em relação a você. Seguir um caminho independente dos pais e construir a própria identidade é um componente saudável de seu desenvolvimento. Deixe que o senso de revolta o encha de energia e propósito.

#### **4. Descarte o passado – Estratégia da adaptação**

Ao gerenciar sua carreira e suas mudanças inevitáveis, é preciso pensar do seguinte modo: você não está preso a determinada posição; sua lealdade não é com a carreira nem com a empresa. Seu compromisso é com a sua Missão de Vida, é criar condições para sua plena realização. Compete a você descobri-la e orientá-la corretamente. Não cabe a ninguém mais protegê-lo e ajudá-lo. Você está por conta própria. A mudança é inevitável, sobretudo nessa nossa época revolucionária. Como você deve cuidar de si mesmo, tem que identificar as mudanças em curso em sua profissão neste exato momento. Você precisa adaptar a sua Missão de Vida às novas circunstâncias. Não insista nas formas ultrapassadas de fazer as coisas, ou correrá o risco de ficar para trás, sofrendo as consequências. É preciso ser flexível e se adaptar o tempo todo.

Se a mudança lhe for imposta, você deve resistir à tentação de se exaltar ou de sentir pena de si mesmo. Em vez disso, procure ajustar sua experiência, seus interesses e suas inclinações para uma nova direção. Seu objetivo não é abandonar as qualificações e as experiências acumuladas, mas descobrir novas maneiras de aplicá-las. Seus olhos estão voltados para o futuro, não para o passado. Em geral, esses ajustes criativos conduzem a um caminho melhor – somos sacudidos da complacência e induzidos a reavaliar nosso rumo. Lembre-se: a sua Missão de Vida é um organismo vivo, pulsante. No momento em que passa a seguir um

plano definido em sua juventude, você se tranca numa posição e se sujeita à impiedade do tempo.

## **5. Descubra o caminho de volta – Estratégia de vida ou morte**

Ninguém ganha coisa alguma ao se desviar do caminho a que foi destinado. Quem age assim é assediado por todo tipo de dor. Quase sempre a pessoa se deixa levar pela atração por dinheiro, por perspectivas mais imediatas de prosperidade. Como a escolha errônea não é compatível com algo profundo dentro de si, o interesse diminui e o dinheiro acaba não chegando com tanta facilidade. Parte-se em busca de outras fontes fáceis de fortuna, afastando-se cada vez mais do próprio caminho. Ao perder o rumo, acaba-se em um beco sem saída na carreira. Mesmo que se atenda às necessidades materiais, existe um vazio que se tenta preencher com todos os tipos de crença, droga ou diversão. Reconhece-se quanto se desviou do verdadeiro rumo pela intensidade da dor e da frustração. É preciso ouvir a mensagem trazida por esses sentimentos, seguindo sua orientação. É uma questão de vida ou morte.

O retorno exige sacrifício. Não se pode ter tudo no presente. A estrada para a maestria demanda persistência. É necessário manter o foco durante cinco ou dez anos do percurso, ao fim dos quais as recompensas pelo esforço serão colhidas. O trajeto para chegar lá, no entanto, é cheio de desafios e de prazeres. Faça da retomada do rumo uma resolução pessoal e, então, converse sobre ela com os outros. Dessa maneira, será motivo de vergonha e constrangimento desviar-se mais uma vez. No fim das contas, o dinheiro e o sucesso realmente duradouros acontecem quando se coloca o foco na maestria e na realização da sua Missão de Vida.

## CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

